

Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII)

Macau and the Jesuits in China (16th and 17th centuries)

Leonor Diaz de Seabra¹

ldseabra@gmail.com

Resumo. Os Jesuítas foram a primeira Ordem Religiosa a estabelecer-se em Macau, bem como na China (através de Macau). Assim sendo, pretendemos mostrar a sua acção nos séculos XVI e XVII na China e em Macau. Do Colégio de S. Paulo de Macau e do Colégio de S. Paulo de Goa saíram os missionários jesuítas que iam para as missões do Japão, Tonquim, Tidore, China, Ternate, Sião, Amboino, Malaca, Pegu, Cambodja, Solor, Conchinchina, Macassar, Bengala, Bisnaga, Madure, Costa da Pescaria, Ceilão, Travancor, Malabar, Goa, Salsete do Norte (Bombaim), Lahor, Diu, Etiópia, Monomotapa (Costa Oriental Africana), etc. Os Padres Michele Ruggiere, S. J. (1543-1607), e Matteo Ricci, S. J. (1552-1610), foram os primeiros missionários jesuítas a introduzirem as novas leis de adaptação à cultura, aos usos e costumes, bem como à língua chinesa. A Companhia de Jesus desempenhou papel preponderante na fundação, crescimento e conservação de Macau, assim como na Corte imperial em Pequim (onde ficaram conhecidos como os “Padres da Corte”).

Palavras-chave: Macau, China, Jesuítas, Matteo Ricci, Ruggieri.

Abstract. As the Jesuits were the first religious order established in Macau and China, we analyse their action in the 16th and 17th centuries, as well as the role of Macau. From Saint Paul's College in Macau and Saint Paul's College in Goa Jesuit missionaries were sent to missions in Japan, Tonkin, Tidore, China, Ternat, Siam, Amboino, Malacca, Pegu, Cambodja, Solor, Conchinchine, Makassar, Bengal, Bisnaga, Madurai, Costa da Pescaria, Ceylon, Travancor, Malabar, Goa, North Salcette (Bombay), Lahor, Diu, Ethiopia, Monomotapa (African East Coast), etc. Fathers Michele Ruggiere, S. J. (1543-1607), and Matteo Ricci, S. J. (1552-1610), were the first Jesuit missionaries to introduce new laws of adaptation to the culture, habits and traditions as well as to the Chinese language. The Company of Jesus played a major role in the foundation, growth and conservation of Macau as well as in the Imperial Court of Beijing (where they became known as the “Court Priests”).

Key words: Macau, China, Jesuits, Matteo Ricci, Ruggieri.

¹ Professor da Universidade de Macau.
Diretora do CIELA.

Introdução

Como se sabe, Portugal deu um importante contributo no estabelecimento dos primeiros contactos entre a Europa e o Oriente, existindo um riquíssimo acervo documental que ainda se encontra, em grande parte, inédito.

Além do mais, não há muitos estudos portugueses sobre a acção dos Jesuítas no Oriente, nomeadamente no que se refere à missão da China, embora se devam destacar, principalmente, os trabalhos de Horácio Peixoto de Araújo, Rui Manuel Loureiro e dos padres Manuel Teixeira e Benjamim Videira Pires (ambos sacerdotes em Macau).

Assim sendo, qualquer trabalho, por mais pequeno e simples que seja, poderá constituir um contributo (ainda que modesto) para alargar o conhecimento dessa paradigmática experiência de relacionamento cultural entre o Ocidente e o Oriente.

É, portanto, esse o principal objectivo deste nosso trabalho, em que utilizámos fontes primárias e secundárias, usando as metodologias próprias da História enquanto Ciência, desde a recolha de dados à sua selecção, crítica e síntese.

Breve contexto histórico

A Bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, de 27 de fevereiro de 1540, assinalou a fundação oficial da Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola, que viria a alcançar o seu ideal apostólico de missão nas suas vertentes educativa e missionária. A sua primeira actividade apostólica foi ao serviço da Coroa Portuguesa. Assim, os Jesuítas inseriram-se na estrutura missionária do Padroado Português e acabaram por irradiar uma imensa pregação dos espaços e sociedades não-europeus, encontrando precisamente nos espaços ultramarinos concorridos pelas conquistas e tratos ibéricos uma das grandes polarizações e novidades do seu carisma e ordem religiosos (Rego, 1940). Eles chegaram a regiões tão distantes como o Brasil, Índia, Indonésia, Malásia, Japão e China. O seu trabalho originou uma nova ideia de *missão* que, subjacente ao impulso evangélico das origens da Companhia, se começou por organizar em torno de uma dinâmica concepção de “conquista espiritual”, com que se procurava converter à fidelidade da Igreja de Roma todo aquele que “simplesmente” ignorava ou se havia afastado da doutrina católica.

Ora, a rota do comércio foi, simultaneamente, via de intercâmbio cultural. Desde que os Portugueses chegaram a Macau, abriram-se rapidamente as três principais

rotas de comércio que ligavam o Oeste ao Leste: uma, de Macau para Lisboa via Goa, outra, de Macau até Nagasaki (Japão) e, ainda, Macau via Manila até ao México (*Nueva España*) (Huang Qichen, 1999). Mercadores portugueses, espanhóis, holandeses e de outros países europeus vieram para Macau, com intuítos comerciais, e, com os comerciantes, chegaram também os Jesuítas, que através de Macau começaram a tentar penetrar na China, com o objectivo de aí estabelecerem missões (Huang Qichen, 1999).

Os Jesuítas em Macau

Com a bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*, do Papa Gregório XIII, datada de 23 de janeiro de 1576, foi criada a Diocese de Macau, com jurisdição sobre a China, Japão, Coreia e “ilhas adjacentes”, subordinada ao Bispo de Goa (Silva, 1992).

Macau tornava-se, assim, no centro da religião católica no Extremo-Oriente (Alvarez, 1957), e a Companhia de Jesus desempenhou papel preponderante na fundação, crescimento e conservação de Macau (Pires, 1988).

As notícias dos primeiros Jesuítas em Macau datam de 1555, quando o padre Belchior Nunes Barreto, o Irmão Fernão Mendes Pinto e o padre Gaspar Vilela aqui estiveram (Pires, 1999), conforme consta da carta escrita pelo padre Belchior Nunes Barreto, nessa data (BA, *Jesuítas na Ásia*, cod. 49-IV-49, fls. 237-241).

Mas os Jesuítas só se estabeleceram definitivamente em Macau em 1563, com a vinda do padre Francisco Peres, padre Manuel Teixeira e do Irmão André Pinto, que aqui chegaram na companhia de Diogo Pereira (Huang Qichen, 1999). Logo em 1565, o padre Francisco Peres dirigiu-se a Cantão “a pedir licença para entrar na China”, tendo-lhe sido recusada (Cronin, 1948). Regressado a Macau, fundou, junto à ermida de Santo António, a residência da Companhia de Jesus, que servia também de hospício e ajuda aos missionários que iam para o Japão (Pereira, 1999).

Em 1572, à residência dos Jesuítas, fundada pelo padre Peres, acrescentou-se uma escola de “Ler e Escrever”, depois, acrescentaram-lhe os estudos clássicos de Latim (Santos, 1994). Em 1579, os Jesuítas construíram outra residência e, em 1582, erigiram uma nova igreja na colina, no local onde existem as actuais ruínas da igreja de S. Paulo (Teixeira, 1993). Em 1592, na 1 Congregação vice-provincial foi ponderada a necessidade da fundação de um colégio² para Jesuítas japoneses fora do Japão, devido às guerras civis ali existentes (Santos, 1994). Além

² Esta designação de “colégios” é controversa. O próprio Luís Fróis, na sua *Historia de Japam*, fala-nos sobre “as casas da Companhia, especialmente o noviciado e o seminário para jovens japoneses [...]” (Cf. Fróis, 1976, p. 28).

das perturbações das guerras civis no Japão, os jovens japoneses “só lucrariam em tomar contacto com o ambiente ocidental, integralmente cristão, que era o meio português de Macau”, onde aprenderiam a língua, costumes e modo de ser dos europeus (Santos, 1994). Valignano comunicou o seu projecto ao Superior da Missão da China (a cuja jurisdição pertencia o território), padre Duarte de Sande, que aceitou totalmente a ideia (Santos, 1994). Obtida autorização de Roma, iniciaram-se as obras para o novo Colégio de S. Paulo, perto da residência dos Jesuítas (Santos, 1994). Em 1594, o Colégio tinha quatro classes: uma, de “Ler e Escrever”, com mais de 250 meninos; outra, de Gramática; ainda outra, mas de Humanidades; e, a partir de 1595, o primeiro curso de Artes (com Jesuítas do Japão e Goa); além disso, havia classe de Casos (Teologia Moral) (Santos, 1994).

Alessandro Valignano partira para Goa em novembro de 1594, mas em abril de 1597 voltava a Macau, onde desembarcou a 20 de julho desse ano e onde permaneceu até julho de 1598 (Santos, 1994). Aqui chegado, dedicava-se a reorganizar os Estudos Menores e Superiores do Colégio de Macau, em que a vida institucional e pedagógica era baseada no *Ratio Studiorum*, que fora publicado em Roma por Claudio Acquaviva, em 1591, mas também no sistema e regulamentos da Universidade de Coimbra – do Regimento do Colégio das Artes de Coimbra, de 1559 e de 1565 –, que eram adaptados às necessidades da China, sendo as disciplinas aí ensinadas a Língua Chinesa, o Latim, Filosofia, Teologia, Matemática, Astronomia, Física, Medicina, Música, Retórica, entre outras (Huang Qichen, 1997).

Aqui havia, também, o seminário de Sto. Inácio (para Japoneses, de 1603-1701), o seminário de S. Francisco Xavier (para Portugueses), assim como uma Enfermaria com a sua “botica” (farmácia), uma Livraria Geral (com mais de 5 mil volumes) e o Arquivo da Província Jesuítica do Japão (Pires, 1988). Nos últimos meses de 1580, o padre Michel Ruggieri, com a ajuda de um benfeitor italiano, fez uma “casa com suas celas para os chins caticúmenos”, onde ele e o padre Matteo Ricci estudaram a língua chinesa, para se prepararem para entrarem na China (Pires, 1964).

Junto ao Colégio foi edificada a Igreja dedicada à Mãe de Deus, Nossa Senhora da Assunção, cujas obras se iniciaram em 1601, sendo inaugurada em 1603, sendo a primeira missa aí celebrada pelo padre Alexandre Valignano, Visitador do Oriente (Couceiro, 1997).

E, em 1590, da imprensa do Colégio, saía o livro *De Missionum Legatorum Iaponensium Ad Romanam*

Curiam, rebusque in Europa, ac toto itinere animadversis Dialogus, do padre Duarte de Sande, em que se descreve a embaixada dos quatro legados japoneses enviados ao Papa (Ramalho, 1999).

A fundação do Colégio de São Paulo não foi só resultado do desenvolvimento económico, mas também – e principalmente – fruto das necessidades da Companhia de Jesus, cujo objectivo era a preparação de Jesuítas para as missões da China, Japão e outras partes do Oriente, pelo que as estruturas do Colégio de S. Paulo, as suas disciplinas, a origem dos estudantes e o objectivo da sua formação estavam ligados à divulgação do cristianismo (Huang Qichen, 1997).

Deste Colégio de S. Paulo de Macau e do Colégio de S. Paulo de Goa saíram os missionários jesuítas que iam para as missões do Japão, Tonquim, Tidore, China, Ternate, Sião, Amboino, Malaca, Pegu, Cambodja, Solor, Conchinchina, Macassar, Bengala, Bisnaga, Madure, Costa da Pescaria, Ceilão, Travancor, Malabar, Goa, Salsete do Norte (Bombaim), Lahor, Diu, Etiópia, Monomotapa (Costa Oriental Africana), etc. (Chang, 1999)³.

A acção dos Jesuítas na China

Os padres Michele Ruggiere, S. J. (1543-1607), e Matteo Ricci, S. J. (1552-1610), foram os primeiros missionários jesuítas a introduzirem as novas leis de adaptação à cultura, aos usos e costumes, bem como à língua chinesa (Pires, 1956).

Matteo Ricci nasceu em Macerata, no distrito de Ancona, nos Estados Pontifícios, na Itália, a 6 de outubro de 1552 (Cronin, 1948). Ricci começou os seus estudos no Colégio dos Jesuítas, em 1561, em Macerata, com 9 anos de idade, sendo um dos seus primeiros estudantes (Criveller, 2010).

O seu pai, Giovanni Battista Ricci, farmacêutico e antigo administrador dos Estados Pontifícios, vendo a natural dedicação do jovem aos estudos religiosos e uma crescente inclinação para a vida eclesiástica, em 1568 decidiu mandá-lo para a Universidade *La Sapienza*, em Roma, para estudar Direito (Criveller, 2010). Contudo, três anos mais tarde, Ricci abandonou tudo: casa, nome paterno, fama, reputação familiar e riquezas. E, no dia 15 de agosto de 1571, somente com 19 anos de idade e com a desaprovação do pai, Matteo Ricci entrava para a Companhia de Jesus, no noviciado de *Sant'Andrea al Quirinale*, em Roma, onde conheceu Alessandro Valignano (Cronin, 1948).

³ Sobre o Colégio de S. Paulo veja-se: BA, Cod. 49-V-5: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1603-1621)”; BA, Cod. 49-V-7: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1616, 1620-22)”; BA, Cod. 49-V-22: “Cartas Anuas do Colégio de Macau e Missão de Cantão (1692)”.

A 18 de maio de 1577, depois da bênção do Papa Gregório XIII, Ricci deixou definitivamente Roma, embarcando no porto de Génova, juntamente com Rodolfo Acquaviva, Francesco Pasio e Michele Ruggieri. Após uma breve paragem em Lisboa, em julho desse ano, foi para Coimbra, onde estudou Português e Teologia, durante um ano. A 24 de março de 1578, embarcou para Goa (Índia) a bordo do *S. Luís*, onde seguiam também os Jesuítas padre Michele Ruggieri, padre Duarte de Sande, padre Baltasar de Sequeira e um padre coadjutor, o padre Domingos Fernandes Pires (Criveller, 2010).

A 13 de setembro desse ano (1578) chegavam a Goa, onde Ricci passou três anos, ensinando Latim e Grego no Colégio dos Jesuítas, o Colégio de S. Paulo, e, ao mesmo tempo, continuava os seus estudos teológicos religiosos, até ser ordenado sacerdote, em Cochim, no dia 25 de julho de 1580 (Criveller, 2010; BA, Cod. 49-V-5, *Série Província da China*, 1600-1623).

Em setembro de 1580, Ricci regressou a Goa, onde completou o segundo e terceiro anos dos seus estudos teológicos (o primeiro ano estudara em Coimbra). E, no dia 26 de abril de 1582, o padre Matteo Ricci foi enviado para Macau, para estudar a língua e cultura chinesas (Malatesta, 1994).

A 7 de agosto de 1582, Ricci chegava a Macau, por ordem de Valignano e a pedido de Michele Ruggieri, com quem viajara para a Índia (Criveller, 2010). O Visitador, padre Alessandro Valignano, ordenou, desde o início, que Ruggieri e Ricci não tivessem outras ocupações a não ser o estudo da língua chinesa, devendo “ter os seus próprios professores, uma casa separada e as condições que fossem necessárias” (Malatesta, 1994).

A meta era a conquista espiritual do grande Império do Meio – o qual nem sequer permitia a entrada dos missionários no seu território – e, se possível, chegar à Corte, em Pequim. Este foi o objectivo assinalado pelo Visitador, o padre Alessandro Valignano, S. J., aos dois missionários, Ricci e Ruggiere (Malatesta, 1994)⁴. Este precedera aquele, não só em Macau, como na tentativa de entrada na China, mas sem resultados imediatos (Malatesta, 1994).

Mas quem era Michele Ruggiere? Ruggiere era originário de Spinazzola (Verona), em Itália. Doutorou-se em Direito Civil e Canónico, tendo entrado para a Companhia de Jesus em 28 de outubro de 1572 (Witek, 2001). Em 1577, Ruggiere teve autorização para ir para as Missões, pelo que seguiu para Portugal, onde recebeu a investidura sagrada e, no dia 12 de março de 1578, cele-

brava a sua primeira missa. Doze dias depois, Ruggiere e mais 14 missionários (entre os quais se encontrava Matteo Ricci) partiam para a Ásia e, em setembro desse mesmo ano, chegavam a Goa. Durante seis meses, Ruggiere esteve em Cochim, no Malabar, onde terá estudado malaio. E, em julho de 1579, foi enviado para Macau, onde estudou língua e cultura chinesas (Witek, 2001).

Em 1581, Ruggiere acompanhou alguns comerciantes portugueses à feira de Cantão. Quando o *Haidao* (Haitão, funcionário costeiro), de Cantão, percebeu que aquele era um homem de letras, que estava a estudar a língua e literatura chinesas e a quem os portugueses obedeciam, tratou-o muito bem e amistosamente. Ruggiere também estabeleceu relações amistosas com o comandante regional (*Zongping*), a quem ofereceu um relógio, tendo-o visitado várias vezes (Mesquitela, 1996; Pires, 1994)⁵.

No Outono de 1582, as autoridades chinesas de Cantão convidaram Michele Ruggiere a estabelecer-se na China, em Shiu Hing (Zhaoqing), para onde ele foi com o padre Francesco Pasio, a 27 de dezembro de 1582 (Gomes, 1957, p. 71)⁶.

Ruggiere celebrou a primeira missa em Zhaoqing (Shiu-hing) no dia 10 de janeiro de 1583 (Pires, 1994; Cf. Teixeira, 1933). Ruggiere regressou a Macau em março de 1583 e, passado pouco tempo, recebeu do Governador Geral de Cantão em Guangxi (o Vice-Rei dos Dois Guangs, Kuang-Tung e Kuang-Si) autorização para habitar na China. Em setembro desse ano, Ruggiere e Ricci foram para Zhaoqing, onde foram ajudados por Wang Pan (prefeito ou presidente da Câmara), para arranjar um terreno (Witek, 2001). Assim, conseguiram permissão para construir uma igreja e a sua residência, junto da torre de Chongning, a leste de Zhaoqing. E, em setembro de 1583, ambos se estabeleceram em Zhaoqing (Shiuhing), a oeste de Cantão, onde construíram uma casa e uma igreja-missão, após obter a respectiva permissão do Vice-Rei (Pires, 1994; Pina, 2008).

E foi assim que se fundou a primeira missão católica na China e se erigiu em território chinês a primeira igreja cristã, em 1584 (Malatesta, 1994).

Também em 1584, o padre Michele Ruggiere publicou *Tianzhu shilu* (*Verdadeiro Tratado do Senhor do Céu*) (Pina, 2008). Este foi o primeiro livro impresso por europeus em caracteres e idioma chinês (Witek, 2001). Trata-se do diálogo entre um europeu e um chinês sobre o verdadeiro Deus e a verdadeira religião. Ali, também, Ricci preparou o mapa universal que tanta importância vem a ter no futuro (Mesquitela, 1996), pois colocou a

⁴ Veja-se, também, BA, Cod. 49-V-5: *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Alexandre Valignano” e “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

⁵ Veja-se, também, Mesquitela (1996, p. 142-143) e, ainda, Pires (1994, p. 5).

⁶ Veja-se, também, Gomes (1957, p. 71).

China no centro do mapa, para agradar aos Chineses (Foss, 1994). Mas este foi o primeiro mapa-mundo da China, traçado segundo os métodos cartográficos, de latitude e longitude, com os conhecimentos científicos sobre os cinco continentes e as cinco zonas (Hugues, 1938).

Em 1586, a convite do novo governador, Guo Yingping, Michele Ruggieri deslocou-se para Shaosing, em Zhejiang, para ali iniciar a sua actividade missionária (Huang Qichen, 1994).

Ainda devido ao grande incremento que haviam tomado as missões dos Jesuítas (na China e no Japão), em Macau foram criadas duas províncias: a do Japão e a vice-província da China, tendo esta como Vice-Provincial o padre Matteo Ricci (Gomes, 1957).

Valignano estava atento aos avanços e recuos da Missão na China. Assim, tomou consciência de que os padres, na China, precisavam de obter maior estima dos funcionários e dos letrados, não podendo aí permanecer sem a permissão do Imperador. Decidiu, pois, durante a sua terceira visita a Macau, solicitar uma embaixada papal ao Imperador, pelo que escreveu uma longa carta ao Geral dos Jesuítas, em novembro de 1588, enviando Ruggieri a Roma para apresentar pessoalmente o seu pedido ao Papa (Hugues, 1938).

Ruggieri teve oportunidade de falar directamente com o Papa, pedindo-lhe ajuda e protecção. Pediu ajuda física e prática para bens espirituais e terrestres, ou seja, que o Papa enviasse uma embaixada ao Imperador da China, Wan-li (1573-1620), na qual se garantisse plena protecção imperial para com a missão cristã, para que os missionários pudessem evangelizar livremente, sem medo de represálias religiosas. Esta embaixada papal não chegou a realizar-se devido a problemas internos, no Vaticano (com o falecimento de quatro papas, sucessivamente) (Yang, 2001).

Ruggieri, que já ia com problemas de saúde, viu esses problemas agravarem-se em Itália, onde acabou por falecer em 1607, em Salerno (Yang, 2001).

Em agosto de 1589, os padres de Zhaoqing receberam ordens de expulsão para Macau, mas, quando chegaram a Cantão, o Vice-Rei mandou mensageiros chamando-os de novo a Zhaoqing, onde lhes foi permitido que se mudassem para Shaozhou (Shaoghuan), onde construíram outra residência (próximo do rio Beijing), em 1590. Aí se fixou Ricci, acompanhado do padre António de Almeida (Malatesta, 1994).

Desde meados do século XVI que os Jesuítas que iam para a Ásia começaram a recolher dados sobre a realidade cultural chinesa, tendo-se apercebido da importância que os letrados tinham, na China, já que toda a administração imperial lhes estava, praticamente, entregue (Loureiro, 2009, p. 250).

Em 1592, Valignano chegou a Macau (pela quarta vez) e pediu a Ricci que aqui se deslocasse para tratar

de vários assuntos relativos à Missão da China. Desde outubro de 1582 que os padres da Missão rapavam o cabelo e vestiam-se como *bonzos*, segundo o princípio da “comunicação intercultural”, pois era necessário “ter em conta a cultura chinesa e a ela adaptar-se” (adptacionismo), conforme a opinião de Valignano partilhada por Matteo Ricci (Malatesta, 1994).

Mas, agora, entendendo a importância dada ao mandarinato na sociedade chinesa, Ricci informou Valignano da necessidade de abandonar a aparência e as maneiras dos *bonzos* e adoptar o estilo dos *letrados* (deveriam deixar crescer o cabelo e a barba, vestir roupas adequadas – de seda – para visitarem e receberem letrados e funcionários) (Malatesta, 1994). Em 1594, Ricci começou a deixar crescer a barba e, em maio de 1595, apareceu pela primeira vez com o vestuário dos *letrados* (Pina, 2008).

Foi um conhecimento mais aprofundado da realidade chinesa, obtido ao longo de mais de uma década de vivências no interior da China, que determinou mudanças significativas na estratégia missionária; depois de uma inicial procura de analogias com o Budismo, passaram a identificar-se com os letrados chineses, que era a classe que possuía um estatuto mais elevado na sociedade imperial chinesa e, a partir de 1595, os missionários jesuítas passaram mesmo a apresentarem-se como *xishi* ou letrados, oriundos do Ocidente, passando a ser “mestres da religião do Senhor do Céu” (Loureiro, 2009).

Em 1595, na companhia de um grande mandarim militar, Matteo Ricci tentou a viagem para a Corte chinesa; porém, quando chegou a Nanquim (depois de ter passado por Meling e Nanchang), não foi bem recebido pelos funcionários locais, vendo-se forçado a regressar imediatamente a Nanchang, sendo acolhido por um médico chinês que conheceu em Shaozhou e em casa de quem ficou alojado (Cronin, 1948).

De 1595 a 1598, Matteo Ricci estabeleceu-se em Nanchang (capital da província de Jiangxi), alargando assim o espaço de missionação e as possibilidades de expansão do Cristianismo na China (Yang, 2001). Para a nova residência foram, também, enviados o padre João Soeiro e o Irmão Francisco Martins, o que permitiu que Matteo Ricci ficasse mais livre para intensificar as suas relações e o intercâmbio cultural com os letrados, permitindo-lhe redigir a sua primeira obra em chinês, o *Tratado sobre a Amizade*, seguindo-se-lhe o *Tratado das Artes Mnemónicas* e um novo *Catecismo* (para substituir o de Michele Ruggieri, onde os missionários ainda eram identificados como *bonzos*) (Araújo, 2000).

Como se vê, desde cedo que Ricci, ciente do contexto cultural em que se achava inserido, começou a escrever obras em língua chinesa e não só sobre temas religiosos.

O “método aculturativo” começava, pois, a dar os seus frutos, e a reputação de Matteo Ricci como homem de letras ia crescendo junto dos chineses, assim como os seus escritos iam circulando amplamente, no Império Celeste (Loureiro, 2009).

A partir de Macau, Matteo Ricci foi nomeado Superior Geral das Missões na China, o que lhe dava mais poderes na gigantesca tarefa de evangelização do Império. Em setembro de 1598, os padres Matteo Ricci e Lazaro Cattaneo, graças à recomendação de Wang Zhongming, ministro dos Ritos de Nanquim, conseguiram chegar a Pequim, mas não foram autorizados a avistarem-se com o Imperador, porque os Japoneses tinham desencadeado a invasão da Coreia, tendo de regressar a Nanquim (Nanjing) (Malatesta, 1994).

Em 1599, Matteo Ricci transferiu-se para Siu-Chau (Shaozhou ou Shaochow). E, em 1600, Ricci, acompanhado do padre Diego Pantoja, partia rumo à capital chinesa (BA, Cod. 49-V-1, fl. 235), num barco do eunuco de apelido Lieu, e, graças a este, em 24 de janeiro de 1601, conseguiram fazer chegar às mãos do Imperador Wan Li “preciosas peças europeias”, tais como uma “imagem do Senhor”, duas da “Virgem Maria”, uma de Deus, e uma cruz embutida de pérolas; ofereceram-lhe, ainda, dois relógios (que batiam as horas), um atlas dos países e dois instrumentos musicais ocidentais. Os presentes que levaram para o Imperador foram bem aceites e, através dos eunucos e mandarins da Corte, foi-lhes concedida licença para permanecerem na cidade, fundando-se, assim, a quarta residência da Companhia de Jesus na China (Araújo, 2000).

Desde 1601, Matteo Ricci não voltou a deixar Pequim, desenvolvendo uma estratégia diversificada, visando consolidar a posição e o prestígio dos religiosos europeus junto da Corte imperial chinesa, para garantir uma certa liberdade de manobra às missões jesuítas que se iam espalhando, a pouco e pouco, pelo Império chinês (Brockey, 2007).

Ricci, ao contrário de Ruggieri, passou o resto da sua vida na China: viajou por muitas cidades, fundou muitas igrejas e escolas-missões e também converteu muitos chineses à fé católica, incluindo letrados e altos dignitários (Yang, 2001).

Entre 1601 e 1610, Matteo Ricci e alguns outros jesuítas, tais como Diego Pantoja, Gaspar Ferreira e Sabatino de Ursis, pelos seus conhecimentos matemáticos, de astronomia, geografia, música, etc., bem como da língua chinesa e dos clássicos da cultura chinesa, conquistaram a benevolência e consideração do Imperador Wan Li e de muitos mandarins da Corte (Araújo, 2000). Tal como em Pequim, nas outras residências jesuítas já estabelecidas (Xaoquin, Nanchang e Nanquim), os missionários jesuítas procuravam obter a simpatia e

benevolência dos mandarins locais (Araújo, 2000).

O imperador Wan Li ficara fascinado pelos relógios que lhe foram oferecidos, em Pequim (Gomes, 1957). Já a oferta de alguns bons quadros a óleo, executados na Europa, tinha causado grande sensação, mas nada que impressionasse tanto o Imperador como os relógios cujas campainhas batiam as horas automaticamente. Conta-se até que, tendo o Imperador mandado os padres ensinarem alguns palacianos a cuidar dos relógios, estes, temendo que, quando os padres se fossem embora, acontecesse alguma avaria nos relógios e não a pudessem remediar, pagando com a vida a sua ignorância, conseguiram do Imperador que fosse permitida a permanência, na Corte, aos padres Ricci e Pantoja, seu companheiro, o que era afinal o que estes mais desejavam. Em vão protestaram os mandarins e os tribunais, fundados nas leis do império (Gomes, 1957).

Mais tarde, tendo parado os relógios e não tendo os chineses conseguido repará-los, foi chamado o padre Ricci, que os desmanchou e limpou, restituindo-lhes, assim, o seu regular funcionamento, com extraordinária satisfação do Imperador, que, como prémio e para evitar a repetição de tal “calamidade”, decretou que os missionários portugueses tivessem livre entrada na Corte (Gomes, 1957).

Foi o padre Matteo Ricci o primeiro ser homenageado com o grau de mandarim e a presidência do Tribunal das Matemáticas, gozando até à sua morte da intimidade do Imperador (Gomes, 1957).

Ricci conseguiu fazer se aceitar pelos letrados quase como sendo um deles, tendo conseguido converter alguns académicos e mandarins ao Cristianismo, deixando mesmo de ser considerado como um estrangeiro (Rae, 1994).

De fevereiro de 1603 a janeiro de 1606, Valignano visitou Macau pela última vez, ficando muito satisfeito por saber que a Missão da China tinha progredido. Ricci enviou os padres Cattaneo e Manuel Dias a Macau, para relatarem a situação ao Visitador (em 1603). Em 1604, Manuel Dias deixou Macau com dois novos escolásticos, a mando de Valignano, que prometeu mais; aprovou também a política que Ricci instaurara relativamente aos rituais chineses (ritos sínicos); e modificou o governo da Missão dando mais poder ao Superior Geral (Ricci), que, a partir daquele momento, não teria de se submeter ao Reitor de Macau, mas sim directamente ao Vice-Provincial da China e do Japão e, indirectamente, ao Provincial da Índia (Araújo, 2000).

Ricci, ele próprio matemático e astrónomo, ciências que eram muito apreciadas na Corte chinesa, pedira ao Geral da Companhia de Jesus, em Roma, que enviasse jesuítas com conhecimentos nestas áreas (Rae, 1994). Assim, sucederam-se vários Jesuítas na Corte, em Pequim, matemáticos e astrónomos, tais como: Adam Schall, Gabriel de Magalhães, Manuel Dias, Ferdinand Verbiest, Tomás Pereira, etc., tendo sido nomeados, muitos deles, como

Presidentes do Observatório Astronómico de Pequim (Rae, 1994). O último Jesuíta, astrónomo, ao serviço do Império foi o padre José Bernardo de Almeida, que faleceu em Pequim, em 1803 (Santos, 1994).

E, a 10 de maio de 1610, Matteo Ricci morria em Beijing (Pequim). Foi enterrado no cemitério de Zhalan, junto à muralha oeste da cidade de Pequim (Gomes, 1957), tendo sido sepultado com excepcionais honras mandadas prestar pelo Imperador, como fazendo parte da sua Corte (Mesquitela, 1996).

O padre Matteo Ricci foi um dos fundadores da Missão Católica da China, que durante os 50 anos seguintes se manteve a exclusivo cargo da Companhia de Jesus. Só em 1631 se lhes juntaram os Dominicanos, em 1633 os Franciscanos, em 1680 os Agostinhos e, em 1683, entraram as Missões Estrangeiras de Paris. É com a entrada destas novas ordens religiosas que se levanta a “Questão dos Ritos”⁷, que tantos prejuízos causou ao Cristianismo na China (Mesquitela, 1996).

Conclusão

Pode-se dizer que foi o encontro com a complexa cultura e sociedade japonesas que provocou uma importante alteração das estratégias missionárias (Leitão, 1999?). O método denominado por *accommodatio* (acomodação) foi concebido, exactamente, para a missionação no Japão, tendo sido depois levado para a China por Matteo Ricci e, dali, para a missão indiana de Roberto Nobili, em Madurai. Este método assentava no conhecimento da estrutura espiritual das culturas que havia na Ásia, consideradas “pagãs”, mas também como sociedades complexas e “civilizadas”, tendo em vista introduzir o Cristianismo, mas através de uma substituição ou redefinição dos costumes “sociais” existentes. A conversão baseou-se nas ideias de Inácio de Loyola – fundador da Ordem – expressas nos *Exercícios Espirituais*, ou seja, uma acção “interior” e “pessoal” concretizada por “meios persuasivos e não coercivos”. Como o poder temporal e eclesiástico português se situava muito longe do Oriente, as experiências de “adaptação cultural” progrediram com o conhecimento linguístico e a escrita de catecismos em línguas locais, assim como de textos e tratados descrevendo e explicando a religiões locais e os costumes sociais; também houve um esforço no sentido de educar o clero local e procurar uma relação privilegiada com a elite política local (Cooper, 2003). Se Francisco Xavier, que chegou ao Japão em 1549, deu os primeiros passos para o novo método

de conversão, o verdadeiro arquitecto da *accommodatio* foi Alessandro Valignano, um dos Jesuítas italianos enviados para a Ásia. Abriu seminários e noviciados para a educação de padres japoneses, opôs-se às interferências na política interna do Japão, incentivou a publicação de catecismos e obras históricas, organizou uma embaixada japonesa para a Europa e obteve do Papa Gregório XII (1585) o direito exclusivo, para a Companhia de Jesus, da evangelização do Japão (Mesquitela, 1996).

Por outro lado, no Colégio da Madre de Deus, em Macau, os Jesuítas já tinham organizado a aprendizagem do idioma chinês, na sua expressão erudita, o mandarim dos letrados, para prepararem os padres que continuavam a lutar para conseguirem penetrar no Império do Meio e ali exercer o apostolado. Com o idioma, aprendiam também os costumes chineses, sistema que no Japão se tinha revelado indispensável. Ricci preparou-se ali, com o padre Ruggieri e o padre Pasio, estudando os programas dos concursos para o mandarinato e passou a dominar o chinês e as matérias próprias de um letrado chinês de alta categoria. E, no conhecimento que foi adquirindo dos chineses, verificou que, muito mais do que na religião, estavam interessados nas ciências e, em especial, na astronomia e na matemática, assim como na relojoaria. Por isso, preparou-se também para poder discutir estes temas como letrado chinês, o que lhe permitiu estabelecer relações com chineses da mais alta hierarquia e mesmo entre os funcionários imperiais (Mesquitela, 1996).

A adaptação cultural já tinha sido adoptada como estratégia pela Igreja desde os seus primórdios. As relações de Ricci com os Chineses não nos mostram uma submissão unilateral ou de acomodação, mas sim compreensão e respeito pela cultura dominante, apresentando também as qualidades da sua própria cultura (Rae, 1994).

Em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, os Jesuítas foram expulsos de Portugal, tendo essa ordem sido executada, em Macau, em 1762. Alguns anos depois foi instalado, no Colégio de S. Paulo, o Batalhão militar “Príncipe Regente”. E, a 26 de janeiro de 1835, devido à acumulação de lenha na cozinha, o edifício ardeu, ficando só a fachada da igreja, que ainda hoje resta (Santos, 1994), sendo hoje em dia o *ex-libris* de Macau.

Referências

- ALVAREZ, E.A. 1957. *Macau, mãe das Missões no Extremo Oriente*. Macau, Tipografia Salesiana, 182 p.
- ARAÚJO, H.P. de. 2000. *Os Jesuítas no Império da China: o primeiro século (1582-1680)*. Macau, IPOR, 485 p.

⁷ A *Questão dos Ritos* consistiu numa polémica que abrangiu dois tipos de problemas: o primeiro, relativo à tradução, feita pelos primeiros missionários jesuítas, da palavra Deus; o segundo dizia respeito às cerimónias tradicionais realizadas pelos Chineses, nomeadamente, os cultos a Confúcio e aos antepassados (e familiares defuntos), que eram considerados cultos cívicos e não religiosos pela maioria dos Jesuítas, mas que tiveram a oposição das Ordens Religiosas Mendicantes, quando estas entraram na China, no século XVII. Veja-se Araújo (2000, p. 227-238).

- BROCKEY, L.M. 2007. *Journey to the East: the Jesuit mission to China, 1579-1724*. Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press, 496 p.
- CHANG, A.B., S.J. 1999. The True Significance of the College of St. Paul. In: J.W. WITEK (ed.), *Religion and Culture: An International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul*, 1994. *Actas...* Macau, Macau Ricci Institute, p. 367-382.
- COUCEIRO, G. 1997. A Igreja do Colégio da Madre de Deus (ou de S. Paulo) em Macau, 1601-1640. *Revista de Cultura*, **30**:97-108.
- CRIVELLER, G. 2010. The Background of Matteo Ricci: The Shaping of his Intellectual and Scientific Endowment. In: A.K. WARDENGA, S.J. (dir. e intrd.), *Portrait of a Jesuit: Matteo Ricci*. Macau, Macau Ricci Institute, p. 15-38.
- COOPER, M. 2003. *Rodrigues, o intérprete: um Jesuíta no Japão e na China*. Lisboa, Quetzal, 439 p.
- CRONIN, F., S. J. 1948. Fr. Ricci and His Work in China. *Instituto Português de Hong Kong*, 1:95-105.
- FOSS, T.N. 1994. Uma interpretação ocidental da China: cartografia jesuíta. *Revista de Cultura*, **21**:129-150.
- FRÓIS, L., S.J. 1976. *Historia de Japam*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 389 p.
- GOMES, A.L.G. 1957. *Esboço da História de Macau (1511-1849)*. Macau, Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral, 409 p.
- HUANG, Q. 1997. O Colégio de São Paulo: a Primeira Universidade em Macau. *Revista de Cultura*, **30**:109-122.
- HUANG, Q. 1999. The First University in Macau: The Colégio de S. Paulo. In: J.W. WITEK (ed.), *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul*, 1994. *Actas...* Macau, Macau Ricci Institute, p. 249-267.
- HUANG, Q. 1994. Macau, ponte de intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, do Século XVI ao Século XVIII. *Revista de Cultura*, **21**:153-177.
- HUGUES, E.R. 1938. *The Invasion of China by Western World*. New York, The Mac Millan Company, 323 p.
- LEITÃO, A.M.R.P. 1999?. Alexandre Valignano: um missionário inovador no País do Sol Nascente. In: J.P.O e Costa (coord.), *Encontro Portugal-Japão, n. 3* Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 29-35.
- LOUREIRO, R.M. 2009. *Nas partes da China*. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 373 p.
- MALATESTA, E.J. 1994. Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China. *Revista de Cultura*, **21**:51-66.
- MESQUITELA, G. 1996. *História de Macau. Vol. I, Tomo II*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 256 p.
- PEREIRA, F.A.B. 1999. A Conjectural Reconstruction of the Church of the College of Mater Dei. In: J.W. WITEK (ed.), *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul*, 1994. *Actas...* Macau, Macau Ricci Institute, p. 205-243.
- PINA, I. 2008. *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 222 p.
- PIRES, B.V., S.J. 1999. The Antecedents and Context of the University College of St. Paul. In: J.W. WITEK (ed.), *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul*, 1994. *Actas...* Macau, Macau Ricci Institute, p. 29-33.
- PIRES, B.V., S.J. 1988. *A Embaixada Mártir*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 166 p.
- PIRES, B.V., S.J. 1956. Jesuítas beneméritos de Macau. *Religião e Pátria*, **42**(26-27, 29, 32): p. 605-608, p. 626-632, p. 678-680, p. 771-773.
- PIRES, B.V., S.J. 1994. Matteo Ricci e João Rodrigues, dois elos de interpenetração cultural na China e no Japão. *Revista de Cultura*, **18**:5-10.
- PIRES, B.V., S.J. 1964. *O IV Centenário dos Jesuítas em Macau (1564-1964)*. Macau, (s. n.), 47 p.
- RAE, I. 1994. A abordagem comunicativa intercultural dos primeiros missionários jesuítas na China. *Revista de Cultura*, **21**:117-127.
- RAMALHO, A. da C. 1999. Father Duarte de Sande, S.J., Genuine Author of *De Missionum Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*. In: J.W. WITEK (ed.), *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul*, 1994. *Actas...* Macau, Macau Ricci Institute, p. 89-101.
- REGO, A. da S. 1940. *O Padroado Português do Oriente, esboço histórico*. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 315 p.
- SANTOS, D.M.G. dos. 1994. *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo-Oriente*. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 98 p.
- SILVA, B.B. da. 1992. *Cronologia da História de Macau (séculos XVI-XVII), vol. I*. Macau, Direcção dos Serviços de Educação, 198 p.
- TEIXEIRA, M. 1933. O 350 aniversário da fundação da Missão de Shiu-Hing. *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, **XXXI**(355):260-276.
- TEIXEIRA, M. 1993. *Japoneses em Macau*. Macau, Instituto Cultural de Macau/Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 91 p.
- WITEK, J.W., S.J. 2001. Introdução. In: J.W. WITEK (dir.), *Dicionário de Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci*. Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 15-23.
- YANG, P.F.-M., S.J. 2001. Introdução histórica e linguística. In: J.W. WITEK (dir.), *Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci*. Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 29-77.

Fontes Primárias

- Biblioteca da Ajuda (BA). *Jesuítas na Ásia*, cod. 49-IV-49, fs. 237-241.
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-1: *Ásia Extrema*, I.
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-5: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1603-1621)”;
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-7: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1616, 1620-22)”;
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-22: “Cartas Anuas do Colégio de Macau e Missão de Cantão (1692)”.
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-5: *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.
- Biblioteca da Ajuda (BA). Cod. 49-V-5: *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Alexandre Valignano” e “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

Submetido em: 09/01/2011

Aceito em: 10/05/2011

Leonor Diaz de Seabra
Universidade de Macau
Avenida Padre Tomás Pereira, Taipa
Macau SAR (China)